
Cerâmicas da primeira metade do III milénio a.C. de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)

ÂNGELA CARNEIRO

R E S U M O

Este artigo apresenta os resultados da análise de um género de cerâmica datado da primeira metade do III milénio a.C. do sítio de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa). Esta cerâmica, que se distingue da cerâmica mais frequente deste sítio (a cerâmica penteada), sobretudo pelas características das suas pastas, pelo tratamento das suas superfícies e pelas suas técnicas e motivos decorativos, ocorreu em várias zonas da área leste do sítio de Castanheiro do Vento, essencialmente em contextos da camada 3b e de uma forma mais disseminada em contextos da camada 3. Segundo o actual estado das investigações, a camada 3b parece estar subjacente ao conjunto de construções monumentais e emblemáticas deste sítio, cujo início construtivo também se data na primeira metade do III milénio a.C. e está relacionado com a camada 3. Esta situação sugere uma diferenciação temporal na primeira metade do III milénio a.C., visível na análise estratigráfica e na distribuição das cerâmicas pelas camadas, mas não é suportada pelas datas absolutas de radiocarbono, que lhe conferem coetaneidade. Esta situação verifica-se de uma forma diferenciada em vários outros sítios do Norte e Centro interior de Portugal, datados da primeira metade do III milénio a.C. Neste artigo, apresenta-se o contexto em que estas cerâmicas ocorrem, descrevem-se os seus atributos, debatem-se questões de cronologia relativa e absoluta de Castanheiro do Vento relacionadas com esta cerâmica e expõem-se os factores que sugerem haver uma diferenciação temporal entre os contextos das camadas 3b e 3, assim como os factores que por agora limitam tirar ilações acerca deste tema. Esta problemática é também analisada em lugares do Norte e Centro interior de Portugal, coetâneos de Castanheiro do Vento.

A B S T R A C T

This study presents the results of a research carried out on certain kind of ceramic, dated in the first half of the 3rd millennium BC from the site of Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa). This ceramic diverges from the most common ceramic of this site (the combed decorated ceramic), particularly by the characteristics of the fabric, treatment of the surfaces and techniques and motifs of the decoration. It has been found in different areas of the eastern part of Castanheiro do Vento, especially in contexts of

the layer 3b and more disseminated in contexts of the layer 3. According to current research, layer 3b seems to be underlying to layer 3 and to the monumental and emblematic architecture of this site that was built from the beginning of the 3rd millennium BC. This situation suggests a time sequence in the first half of the 3rd millennium BC, manifested in the stratigraphic analysis and ceramic distribution, but is not supported by the absolute radiocarbon data. Radiocarbon data indicate contemporaneity. This situation has also been observed in other places of the Northeast of Portugal with different nuances. This study reports the circumstances where this kind of ceramic was found in Castanheiro do Vento, describes its attributes, discusses questions about relative and absolute chronology concerning layers 3b and 3 and explains the reasons why this subject cannot be completely handled by now. This problematic is also analyzed in other places of the Northeast of Portugal.

Introdução

Entre a cerâmica de Castanheiro do Vento, conta-se um pequeno número de fragmentos (77 fragmentos de 68 vasos), que pelas suas características se individualizam da cerâmica mais frequente neste sítio — a cerâmica penteada.

Trata-se de cerâmica em geral mais fragmentada e erodida que a demais, sem grande distinção morfológica da cerâmica penteada, mas elaborada com pastas e tratamento das superfícies, assim como com técnicas decorativas e padrões ornamentais diferentes da cerâmica penteada e de outras associadas. A grande diversidade de técnicas e de motivos decorativos desta cerâmica confere-lhe heterogeneidade entre si, sendo, porém, distinta da cerâmica penteada e associadas. De igual modo, o seu pequeno número, face à cerâmica dominante, faz que esta cerâmica, num primeiro momento, seja pouco visível (Cardoso, 2008, p. 276). Porém, um olhar mais atento permite individualizar esta cerâmica entre a demais.

Uma vez que a cerâmica em foco neste artigo tem, pelo seu pequeno número, pouca expressão em Castanheiro do Vento (mais do que em outros sítios do Norte e Centro interior de Portugal), e porque se trata de uma cerâmica que, em termos cronológicos, tanto relativos como absolutos, não é completamente destrinchável da cerâmica penteada e associadas, creio ser oportuno reunir aqui um conjunto de dados que poderão introduzir uma perspectiva diferente e abrir o debate em torno desta questão.

Em Castanheiro do Vento há cerâmicas datáveis do III milénio a.C. até meados do II milénio a.C. Contudo, a cerâmica penteada, da primeira metade do III milénio a.C., é em termos quantitativos a mais significativa deste sítio, perfazendo 96% do total da cerâmica estudada por mim (Carneiro,

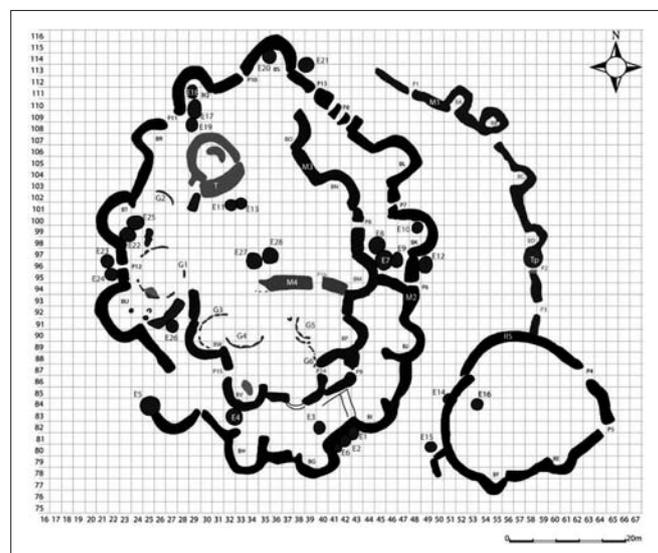


Fig. 1 Planta de Castanheiro do Vento com referência a quadrantes e estruturas escavadas até 2009 (desenho digitalizado de B. Carvalho e A. Vale).

2009, no prelo). As cerâmicas a serem tratadas neste artigo perfazem apenas 0,5% do total das cerâmicas deste sítio analisadas por mim.

Aqui importa mencionar que esta análise cerâmica se restringe à parte leste do sítio, desde a linha do murete 1, com as estruturas A a D, e recinto secundário, incluindo as estruturas E e F, até sensivelmente à metade leste do recinto principal, definida pelo murete 3, na linha das estruturas semicirculares H e O (Fig. 1). Esta área foi escavada entre 1998 e 2005, excepto a estrutura O, parcialmente escavada em 2006. Aí foram detectadas as camadas 1 a 4, incluindo as camadas 2/3, 3b e 3c. Portanto, o facto de esta cerâmica se distribuir pela parte leste do sítio deve-se ao facto de a minha investigação incidir nessa zona do sítio e exclui resultados de análises cerâmicas que possam vir a ser obtidos com o estudo de materiais de outras zonas de Castanheiro do Vento.

O estudo das cerâmicas de Castanheiro do Vento tem vindo a ser realizado por mim desde 2007, no Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Universidade do Porto, no âmbito de uma bolsa de pós-doutoramento atribuída pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Ao Professor Vítor Oliveira Jorge agradeço o convite para estudar os materiais cerâmicos deste sítio e a total liberdade de abordá-los como o entender. O tema central deste artigo diz respeito a parte dessas investigações.

Circunstâncias contextuais

Castanheiro do Vento está situado em plena região do Alto Douro, na margem sul do rio Douro, entre o rio Torto e a ribeira da Teja, no topo do monte que lhe deu o nome (Fig. 2).

Este sítio tem vindo a ser escavado continuamente desde 1998 em campanhas anuais variáveis, entre duas semanas a três meses. Desde então, ocorreram algumas alterações na estratégia de escavação. Se de início se escavaram as áreas abertas até à camada geológica ou muito próximo desta, optou-se, a partir de 2005, por escavar apenas as camadas superficiais (1, 2 e parte superior da camada 3), deixando para mais tarde a escavação de camadas mais profundas (Jorge & *alii*, 2006, p. 186). Este procedimento teve, entre outros, o objectivo de obter a percepção da planta de conjunto do sítio do III milénio a.C. num espaço de tempo mais curto do que se se escavasse gradualmente as diferentes áreas, do topo à camada de base. Assim, durante as primeiras campanhas, em que foi sobretudo escavada uma parte da zona leste, escavou-se o murete 1, com as passagens 1 a 3, e o recinto secundário, incluindo as estruturas que lhe estão adjacentes (estruturas semicirculares A a F, passagens 4 e 5) desde a camada 1 à 4, enquanto, a partir da campanha de 2005, se prolongou a escavação para oeste, procedendo-se à decapagem do sítio, raramente para além da parte superior da camada 3. Nessa altura começara-se a descobrir a parte central da construção monumental do III milénio a.C., com as suas múltiplas estruturas interligadas de uma forma complexa, num espaço de aproximadamente 1 ha (Figs. 1 e 3).

Simplificando o seu design elaborado ao conjunto das construções principais de formas semicirculares a circulares concêntricas, constituídas por mure-

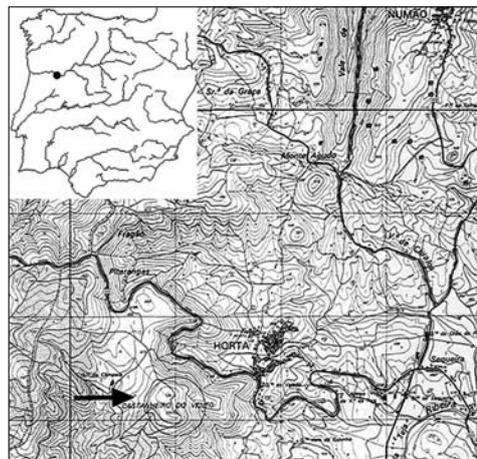


Fig. 2 Localização de Castanheiro do Vento na Península Ibérica e na freguesia de Horta do Douro no concelho Vila Nova de Foz Côa, segundo a Carta Militar de Portugal, folha 140, à escala de 1/25 000.

tes intercalados por estruturas semicirculares, é possível relacionar a sua planta e monumentalidade com construções coevas de grandes dimensões, frequentes desde a orla litoral portuguesa (da Estremadura, incluindo o Ribatejo, à costa sul algarvia) até à faixa do Sul de Espanha, de que são exemplo Zambujal, Alcalar e Los Millares (Jorge, 1994). Em contrapartida, são precisamente estes factores que distinguem Castanheiro do Vento de sítios similares e coetâneos, geograficamente mais próximos, como são Castelo Velho e Crasto de Palheiros (Jorge, 2002; Sanches, 2008). Estes dois últimos sítios possuem uma implantação e arquitectura mais simples e rústica e situam-se respectivamente na margem sul do rio Douro e na bacia do Tua.

Porém, se vingou a ideia de que Castanheiro do Vento no III milénio a.C. teria sido um dos sítios mais imponentes do interior da Península Ibérica, por outro lado, a estratégia de escavação seguida desde 2005 limita de momento a oportunidade de perceber melhor, em termos de cronologia relativa, como se articula a cerâmica penteada com a cerâmica a tratar neste artigo. Esta lacuna deve-se a meu ver, em parte, por a área intervencionada até à zona basal ou próxima dela, onde parcialmente se tem detectado a camada 3b, ser relativamente pequena e conter poucos materiais, e, por isso, ainda não permitir estabelecer relações cronológicas relativas irrefutáveis com a camada 3, a mais extensível e espessa deste sítio, que contém a maioria do material escavado, e que imediatamente se lhe sobrepõe. Por outro lado, esta situação também se deve à quantidade maciça de materiais cerâmicos (a avaliar pelos estudados por mim – 16 109 fragmentos pertencentes a um mínimo de 15 017 vasos – provenientes da zona leste), dos quais 96% do total da cerâmica ornamentada apresenta decoração penteada, num sítio que foi continuamente limpo, reutilizado e reconstruído,

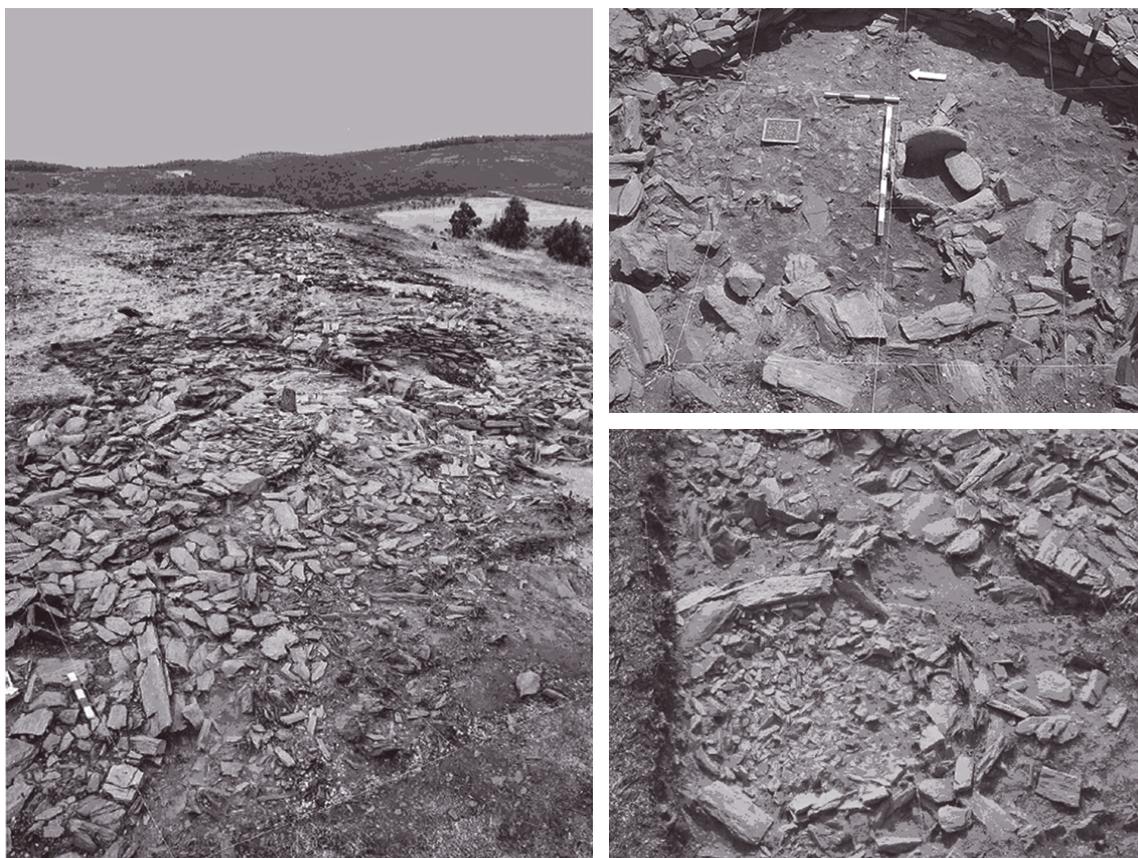


Fig. 3 Estruturas de Castanheiro do Vento da área este do sítio: à esquerda, murete 1 com estruturas B e C, em cima à direita interior da estrutura D, em baixo à direita interior da estrutura 3 (fotografias de J. Cardoso).

destruindo-se dessa forma muitos detalhes importantes da sua estratigrafia e do historial das inúmeras actividades aí realizadas, favorecendo a movimentação do material dos contextos de deposição original.

A cerâmica a abordar neste artigo foi essencialmente exumada em contextos da parte inferior da camada 3 e da camada 3b. A camada 3 está relacionada com o período de construção e utilização de Castanheiro do Vento no III milénio a.C. e com a cerâmica penteada (Carneiro, 2009, no prelo). Esta ocorre em toda a área escavada em Castanheiro do Vento (Cardoso, 2008, p. 99). Enquanto a camada 3b, pelo menos a avaliar pela área que estudei, escavada até à campanha de 2006, está confinada a zonas muito restritas da área leste do sítio, que foram escavadas até à camada geológica ou muito próximo dela. A camada 3b caracteriza-se por ser uma camada de argila e silte, muito compacta e amarelada, por vezes mais escura do que as restantes (Cardoso, 2008, pp. 486–487), com uma espessura que raramente vai para além dos 25 cm, localizada na base das estruturas semicirculares B, C, D, F e da estrutura circular 15, assim como numa área restrita a este das estruturas semicirculares A e B (nomeadamente nos quadrantes 110/57, 111/56, 112/55 e 113/59) (Figs. 1, 4 e 5).

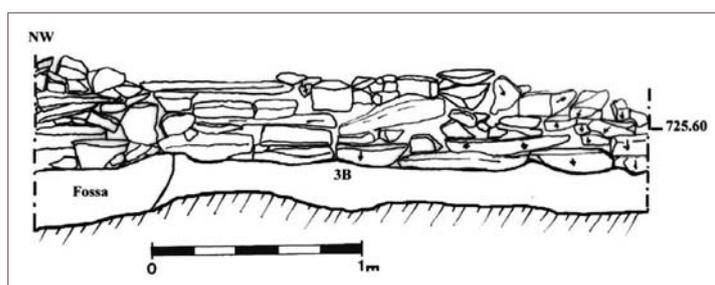


Fig. 4 Perfil NO-SE do interior da estrutura B com a localização da camada 3b e respectiva fossa sob a base da estrutura B (desenho retirado de Cardoso, 2008, p. 486).

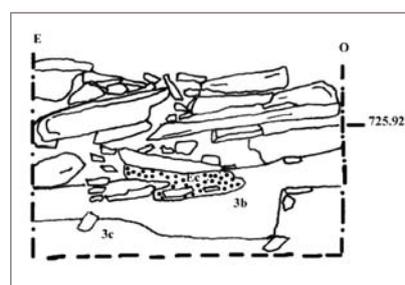


Fig. 5 Perfil E-O do interior da estrutura C com a localização de uma estrutura de combustão e das camadas 3b e 3c sob a base da estrutura C (desenho retirado de Cardoso, 2008, p. 487).

De acordo com João Muralha Cardoso, a camada 3b está subjacente à construção das estruturas monumentais do III milénio a.C., enquanto a camada 3 parece terminar na base de algumas estruturas semicirculares (Cardoso, 2008, pp. 486–489).

Estas informações indicam que a camada 3b ter-se-á formado num momento anterior ao início da construção monumental do III milénio a.C., relacionada com a base da camada 3. Quanto tempo decorreu entre a formação das duas camadas e como uma se relacionou com a outra, são questões pertinentes, que por enquanto não se deixam esclarecer completamente.

A extensão real da camada 3b é também ainda pouco conhecida. Devido às áreas mais profundas do sítio terem sido pontualmente escavadas, sabe-se que a camada 3b, aqui e ali, se prolonga com contorno e espessura irregulares, por debaixo da camada 3. Em termos de constituintes, estrutura, consistência e coloração, pouco parece diferir da camada 3, que é descrita como uma camada amarela-torrada, argilo-siltosa e compacta (Cardoso, 2008, pp. 486–489). Na camada 3b, foram ainda identificadas fossas e outras pequenas estruturas (Cardoso, 2008, pp. 486, 487), que denotam actividades pontuais, ainda pouco perceptíveis, num espaço exíguo. Estas actividades, assim como a relação das camadas 3 e 3b, serão mais bem conhecidas quando se intensificar a escavação de áreas mais profundas e provavelmente quando forem postas a descoberto outras partes da camada 3b.

Todavia, os contextos em que a cerâmica aqui a abordar foi encontrada extravasam a camada 3b, tendo ocorrido pontualmente materiais semelhantes em contextos da base da camada 3, raramente das camadas 2, 3c e 4, no interior das estruturas A-F, J, 6 e 9 (Quadro 1), provavelmente ali deslocados por movimentos pós-deposicionais de vária ordem.

Além do mais, estas cerâmicas não estão relacionadas com contextos fechados e claramente definidos. Elas encontram-se na base ou no interior de estruturas bem definidas, mas num ambiente palimpsestual, com indicação de actividades diversas, que foram em maior ou menor grau destruídas, pela limpeza, utilização e reutilização sistemática dos mesmos espaços, acompanhadas pela construção e reconstrução de estruturas (Cardoso, 2008, pp. 94, 95, 98, 102, 277). Esses contextos consistem, ao nível da camada 3b, num espaço de contornos irregulares, por debaixo da camada 3, onde ocasionalmente foram detectadas pequenas fossas, e incluem um número reduzido de artefactos cerâmicos e pétreos, enquanto, a nível da base da camada 3, os contextos compreendem o interior de algumas estruturas semicirculares e circulares, acompanhados de um grande número de materiais cerâmicos e líticos, entre eles: vasos e pesos, dormentes e moventes de granito, machados de pedra polida, pontas de seta e lascas residuais ou não, bem como fragmentos líticos (essencialmente xisto, quartzo e seixos rolados) de tamanho médio e pequeno, usados na construção das estruturas, terra, argila e ainda ossos de animais (Fig. 3).

Circunstâncias metodológicas

A camada 3b, localizada por debaixo da estrutura semicircular B, revelou, sobretudo na campanha de 2001, um conjunto de cerâmicas com características específicas, que ocorreram ainda em outras áreas do sítio essencialmente, a nível da camada 3b por debaixo das estruturas C e F, numa área a este das estruturas A e B, no quadrante 110/57, e na camada 3 no interior das estruturas A, D, E, J, 6 e 9) (Quadro 1). Esta ocorrência permitiu, por um lado, diferenciar o conjunto desta cerâmica do material maioritário da camada 3 e, por outro lado, identificar material deste género, menos frequente e de distribuição mais dispersa, em outros contextos da camada 3.

Apesar de não haver uma divergência total entre os dois géneros cerâmicos nas camadas 3 e 3b, ou seja, de haver cerâmica penteada entre o material da camada 3b, e a cerâmica com características da camada 3b se encontrar pontualmente disseminada em várias áreas da camada 3, parece-me significativa a maior concentração destas cerâmicas na camada 3b. Daí que se justifique apresentar e debater neste artigo a problemática que envolve este tema.

As cerâmicas a abordar

Antes de descrever as cerâmicas da camada 3b e abordar os aspectos com ela relacionados, gostaria de referir sucintamente o que se entende por cerâmica penteada e associadas. Trata-se essencialmente de um conjunto de cerâmicas com decorações impressas a pente, de motivos diversos na base do “penteado linear” e do “penteado ondulado”, assim como de cerâmicas decoradas com as técnicas “espatulada brunida”, impressões de pequenos círculos de cerca de 3–4 mm de diâmetro, que sugerem terem sido feitos com a impressão do caule de pequenas herbáceas, assim como pequenas aplicações plásticas, nomeadamente mamilos (Fig. 6). Estas técnicas decorativas surgem individualmente ou associadas entre si. Contudo, a impressão penteada é a mais corrente. A distribuição espacial da cerâmica penteada concentra-se na camada 3, embora também esteja presente nas outras camadas.

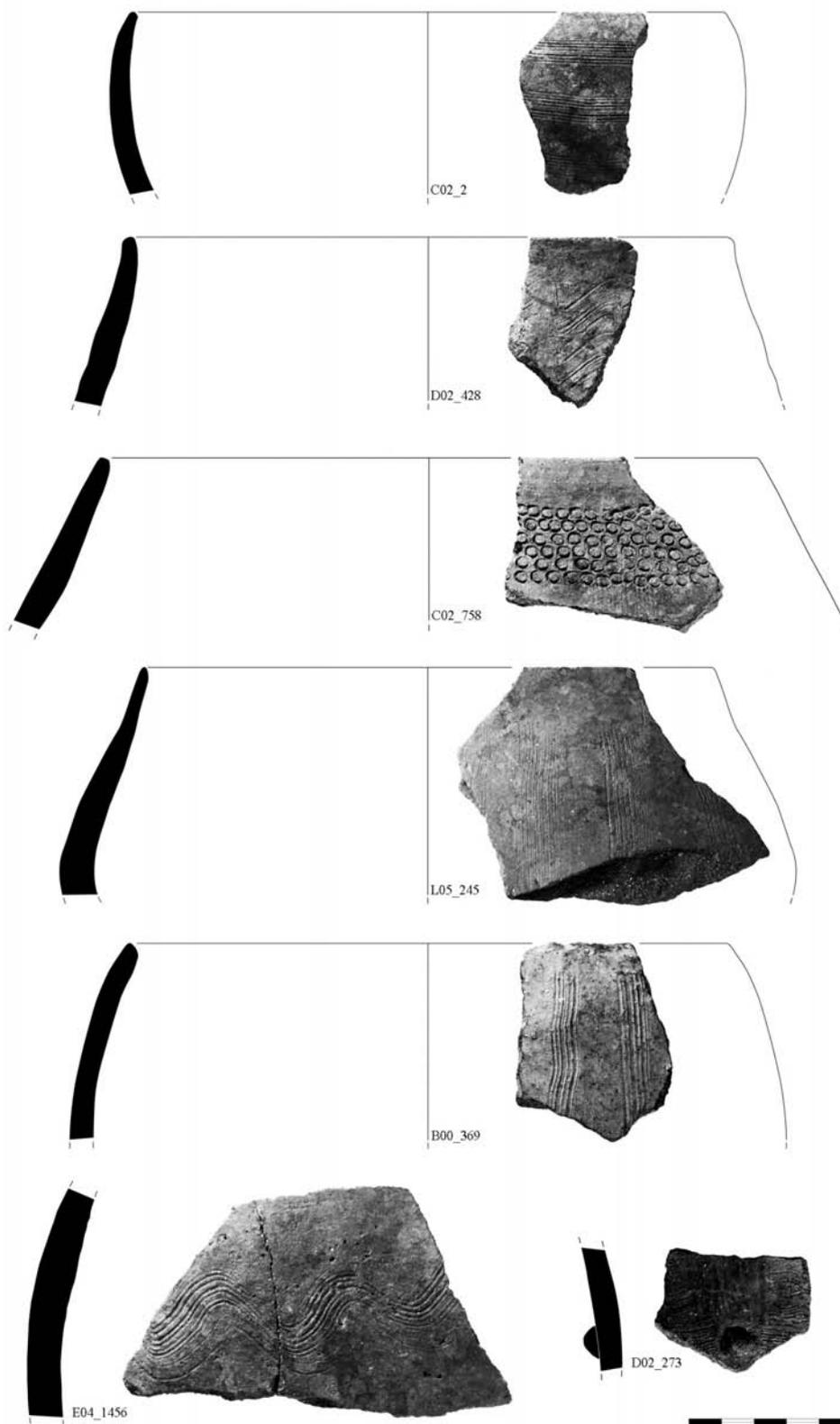


Fig. 6 Cerâmicas de Castanheiro do Vento decoradas segundo várias técnicas impressas (“penteada”, impressão de pequenos círculos, “espatulada brunida”) e aplicações plásticas. Escala de 1:2 (desenhos de A. Pereira e montagem de estampa de Â. Carneiro).

<i>Fragmentos provenientes da camada 3b</i>	<i>Fragmentos provenientes da camada 3 (ou outra)</i>	<i>Resultados quantitativos</i>
—	J/05_3 J/05_528 J/05_622 J/05_623, 1137, 1347 J/05_923 J/05_1323 J/05_1378 J/05_1542	J/05: 10 fragmentos de 8 vasos em C3 J Total 10 fragmentos de 8 vasos
—	6/05_34 6/05_35	6/05: 2 fragmentos em C3 6 Total 2 fragmentos de 2 vasos
—	9/05_175	9/05: 1 fragmento em C3 9 Total 1 fragmento de 1 vaso
Total: 50 fragmentos de 46 vasos na camada 3b, 3c e 4 (65% fragmentos/68% vasos)	Total: 27 fragmentos de 22 vasos na camada 3 e 2	Total: 77 fragmentos de 68 vasos

* A atribuição da camada de proveniência da cerâmica C/02_3, encontrada no interior da estrutura semicircular C a uma cota de 725,48 m, foi rectificada por mim da camada 3 para a 3b, por se encontrar um pouco abaixo das cotas das restantes cerâmicas da camada 3b (725,50–725,67) e muito mais abaixo das cotas da camada 3 (725,81–726,03 m), e que por lapso de registo de campo terá sido designada como pertencente à camada 3.

** Da mesma forma que a atribuição da camada de proveniência da cerâmica F/04_14, encontrada no interior da estrutura semicircular F a uma cota de 724,29 m, foi rectificada por mim da camada 3 para a 3b, por se encontrar às mesmas cotas que as restantes cerâmicas da camada 3b, muito mais abaixo das cotas da camada 3 (724,37–724,49 m), e que, por lapso de registo de campo, terá sido designada como pertencente à camada 3.

Quadro 2. Distribuição e ocorrência de fragmentos cerâmicos da camada 3b de Castanheiro do Vento não analisados.

<i>Áreas, estruturas, número de inventário e camada de proveniência da cerâmica</i>	<i>Número de fragmentos de cerâmica lisa</i>	<i>Número de fragmentos de cerâmica penteada</i>
Área a este das estruturas A e B (Quadrantes 110/57, 111/56, 112/55, 113/59) escavada em 1998	28	6
B/2000, 3b	28 (dois deles com arestas fortemente arredondadas)	28 (maioria penteada ondulada)
B/2001, 3b	30 (dois deles com arestas fortemente arredondadas)	67 (maioria penteada linear horizontal)
C/2002, 3b	25 (um deles com arestas fortemente arredondadas)	85 (penteada horizontal linear e ondulada)
D/2003, 3-3b	3	2
F/2004, 3b	9 (dois deles com arestas fortemente arredondadas)	32
F/2004, 3c	1	6
15/2005, 3b	25	2

Estado de fragmentação e de erosão das cerâmicas

Os 77 fragmentos de 68 vasos que compõem este conjunto cerâmico correspondem praticamente a um fragmento por cada vaso identificado. Quinze fragmentos de seis vasos dizem respeito a três vasos de três fragmentos cada um e a três vasos de dois fragmentos respectivamente, apresentando seis desses fragmentos (de dois vasos, que todavia não colam entre si) fracturas pós-deposicionais com diferentes níveis de desgaste. Isto significa que estes últimos, muito provavelmente, terão sido manipulados e quebrados após a sua deposição.

O tamanho dos fragmentos é em geral pequeno. Alguns não medem mais do que 1,5 cm a 3 cm. De uma maneira geral, pode dizer-se que os fragmentos desta cerâmica são menores do que a cerâmica penteada da camada 3.

O grau de erosão desta cerâmica também é visível. 41 fragmentos de 38 vasos apresentam as arestas arredondadas, 31 fragmentos de 25 vasos apresentam as arestas (por vezes também as super-

fícies dos vasos) muito arredondadas, quatro fragmentos de quatro vasos têm as arestas de muito a extremamente arredondadas e apenas um fragmento de um vaso tem as arestas pouco arredondadas. Exemplares cerâmicos com maior grau de rolamento provêm das camadas 3 e 2 e menos frequentemente da camada 3b, como se pode observar nas ilustrações do quadro 4. Este facto sugere uma maior deslocação das cerâmicas encontradas nas camadas 3 e 2 e a sua possível movimentação a partir da camada 3b.

Concluindo, o grau de fragmentação, dispersão e erosão da cerâmica retratada é notório, e em alguns casos, mais acentuado do que na maioria da cerâmica de Castanheiro do Vento.

Pastas cerâmicas

As pastas desta cerâmica caracterizam-se por ser grosseiras, compactas e de consistência dura, observando-se com frequência grandes palhetas de moscovite e biotite e outras inclusões maiores (> 5 mm de espessura) do que as correntes. Os minerais que as constituem são predominantemente quartzos e quartzitos. Por conseguinte, as pastas desta cerâmica têm tendencialmente um aspecto grosseiro e arenoso, com micas abundantes, e de dimensões que por vezes atingem os 5 mm de comprimento.

Todavia, nem todas as pastas apresentam as mesmas características. Se, por um lado, todas elas são grosseiras e compactas, nem todas têm grandes e abundantes partículas quartzíticas e micáceas ou um aspecto arenoso. No entanto, estas pastas pertencem a cerâmicas com decorações muito diversificadas.

Tratamento das superfícies das cerâmicas

Outra particularidade destas cerâmicas relaciona-se com o tratamento das superfícies externas e internas. Enquanto a cerâmica penteada e afins apresenta superfícies alisadas e/ou polidas, em regra completamente lisas, nestas nota-se com frequência a marca dos instrumentos de alisamento e polimento, sob a forma de sucessivas caneluras horizontais, com 7 a 9 mm de espessura, de curso ligeiramente irregular, como se tivessem sido feitas com uma espátula polida, de madeira ou de osso. Porém, a irregularidade das superfícies cerâmicas não é tão acentuada como a observada numa boa parte da cerâmica da segunda metade do III milénio a.C. e da primeira metade do II milénio a.C. de Castanheiro do Vento.

Formas cerâmicas

O elevado grau de fragmentação desta cerâmica dificulta a sua classificação. Todavia, é possível descrever 12 tipos de formas e três géneros de bojós (Quadro 3 e Figs. 7 e 8). A maioria dos fragmentos pertence à parte superior de bojós de perfil arqueado (20 exemplares), mais raramente plano e inclinado para o interior (6) ou ligeiramente reentrante (1), e de fragmentos incaracterísticos (9), que não permitem uma descrição morfológica. Contudo, alguns vasos estão preservados do bordo à parte superior do bojo. Entre eles, identificaram-se vasos com e sem colo e taças, nomeadamente:

- vasos fechados, sem colo, com a parte superior do bojo arqueada e inclinada para o interior, possivelmente de formas fechadas simples, tipo vasos esféricos, de tamanho pequeno (diâmetro do bordo de 12 a 14 cm) a médio (diâmetro do bordo de 16 a 22 cm) e, mais raramente, grande (diâmetro do bordo de 33 cm) (9 exemplares);
- vasos fechados, sem colo, com a parte superior do bojo plana e inclinada para o interior (alguns com parte superior do bojo levemente reentrante, possivelmente de formas fechadas simples, tipo vasos bicónicos), de pequeno (diâmetro do bordo de 12 cm) e médio (diâmetro do bordo de 16 cm) tamanho (3);
- vasos com colo¹, com a parte superior do bojo arqueada e inclinada para o interior, de perfil suave (1);
- vasos com colo, com a parte superior do bojo plana e inclinada para o interior, de perfil acentuado (1);
- vasos com colo baixo, arqueado e inclinado para o exterior, de perfil suave (1);
- vasos com colo cilíndrico baixo, com a parte superior do bojo arqueada, de perfil suave (2);
- taças em calote (3);
- taças hemisféricas de paredes arqueadas (1);
- taças baixas com as paredes cônicas invertidas (2);
- taças hemisféricas de paredes arqueadas e bordo interno espessado² (1);
- taças bicónicas de paredes espessas (1,2 cm) e de tamanho muito pequeno (1)³ e;
- peças de forma circular-oval, de arestas intencionalmente arredondadas, elaboradas a partir de fragmentos de vasos cerâmicos (7).

Os vasos da camada 3b são tendencialmente de pequeno e médio tamanho (diâmetros de bordo de 12–14 e 16–22 cm), rareando os de grandes dimensões (diâmetro de bordo de 33 cm). O seu perfil é em geral suave. Contudo, alguns vasos com colo tendem a apresentar um perfil acentuado na zona de transição do colo para o bojo.

Quadro 3. Ocorrência dos fragmentos/vasos cerâmicos de Castanheiro do Vento com e sem forma definida.

<i>Género de vasos ou parte de formas não classificáveis</i>	<i>Número de Inventário (Ø bordo e colo em cm)</i>
Parte superior de bojões de perfil arqueado	B/00_42; B/01_1163; B/01_1191; B/01_1249; B/01_1283; B/01_1309; B/01_1337; B/01_1473; B/01_1495; B/01_1502; B/01_1542; C/02_3; E/04_748; F/04_83; F/04_128; J/05_923; J/05_1323; J/05_1378; 6/05_34; 9/05_175.
Parte superior de bojões de perfil plano e evasado	E/04_729; F/04_14; J/05_528; J/05_622; J/05_623; 6/05_35.
Parte superior de bojões de perfil evasado, ligeiramente côncavo	J/05_3.
Fragmentos incaracterísticos	B/00_1366; B/01_1090; B/01_1118; B/01_1378; B/01_1486; B/01_1536; C/02_34; B/01_70; D/02_348.
Parte superior do bojo de vasos fechados de tipo esférico	A/99_2022 (Ø 12 cm); B/01_1395 (Ø 16 cm); B/01_1508 (Ø 33 cm); B/01_1525 (Ø 17 cm); C/02_48 (Ø 16 cm); D/02_95 (Ø 22 cm); D/02_222 (Ø 14 cm); F/04_86 (Ø 20 cm); F/04_103 (Ø 20 cm).
Parte superior do bojo de fechados do tipo bicónico, alguns com parte superior do bojo levemente reentrante	A/99_5; B/01_1152 (Ø 16 cm); F/04_66 (Ø 12 cm).
Vasos com colo (baixo/ cilíndrico), com a parte superior do bojo arqueada ou plana, de perfil suave ou acentuado	B/01_1388; B/01_1534 (Ø 24 cm); B/00_2200 (Ø 21 cm); B/01_1116 (Ø 20 e 22 cm) B/01_1543 (Ø 18 e 18 cm).
Taças (em calote, hemisféricas, cônicas e bicónicas)	B/01_1506; C/02_100 (Ø 19 cm); J/05_1542 (Ø 20 cm); C/02_76 (Ø 18 cm); B/01_1189; C/02_191-2 (Ø 11 cm); F/04_102 (Ø 24 cm); C/02_77 (Ø 9 cm).
Fragmentos de forma circular-oval de arestas intencionalmente arredondadas, elaborados de vasos cerâmicos	B/00_1439; B/00_2196; B/01_1099; B/01_1424; C/02_107; F/04_99; F/04_111.

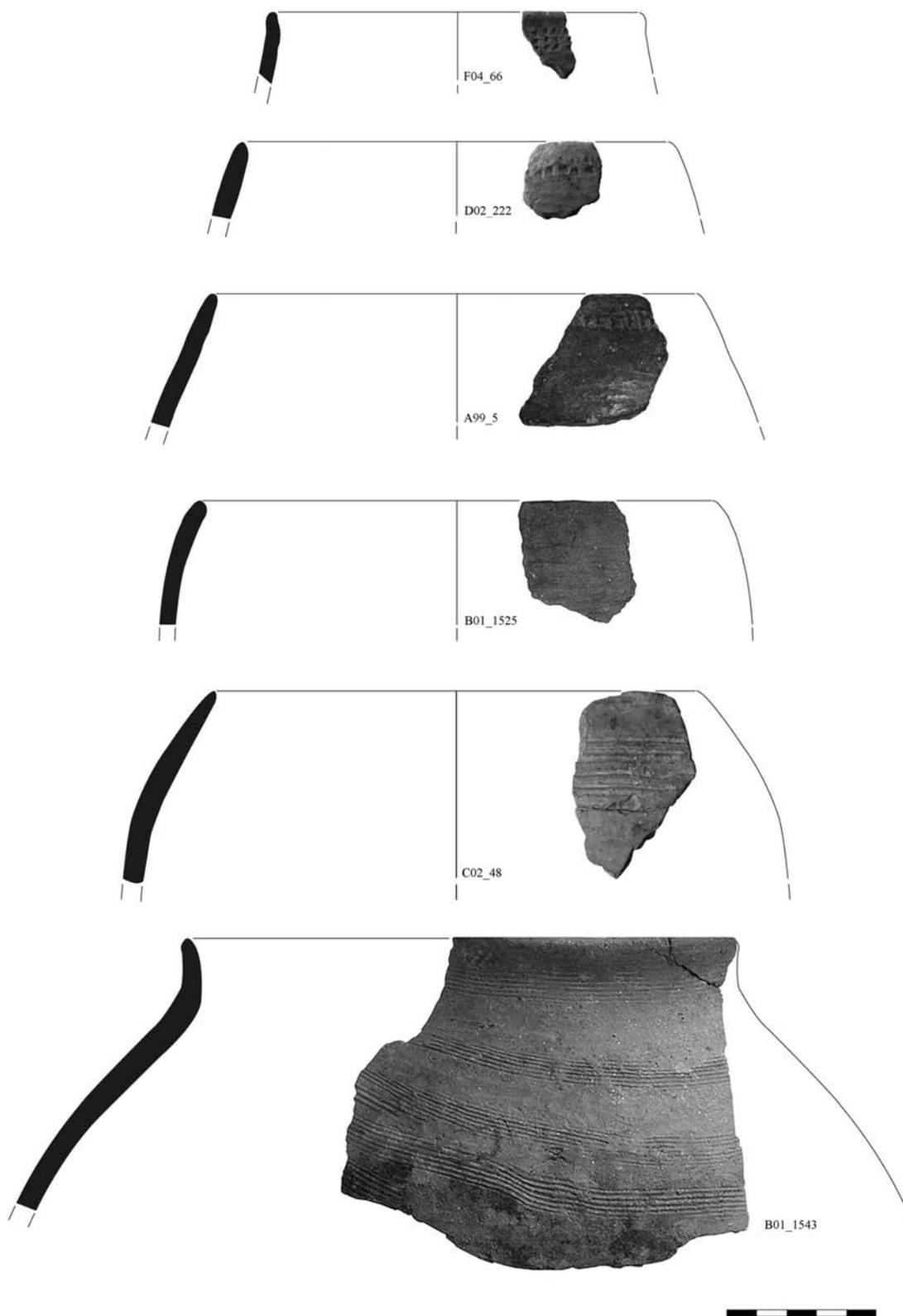


Fig. 7 Tipos morfológicos das cerâmicas de Castanheiro do Vento da camada 3b. Escala de 1:2 (desenhos e montagem de estampa de Â. Carneiro).

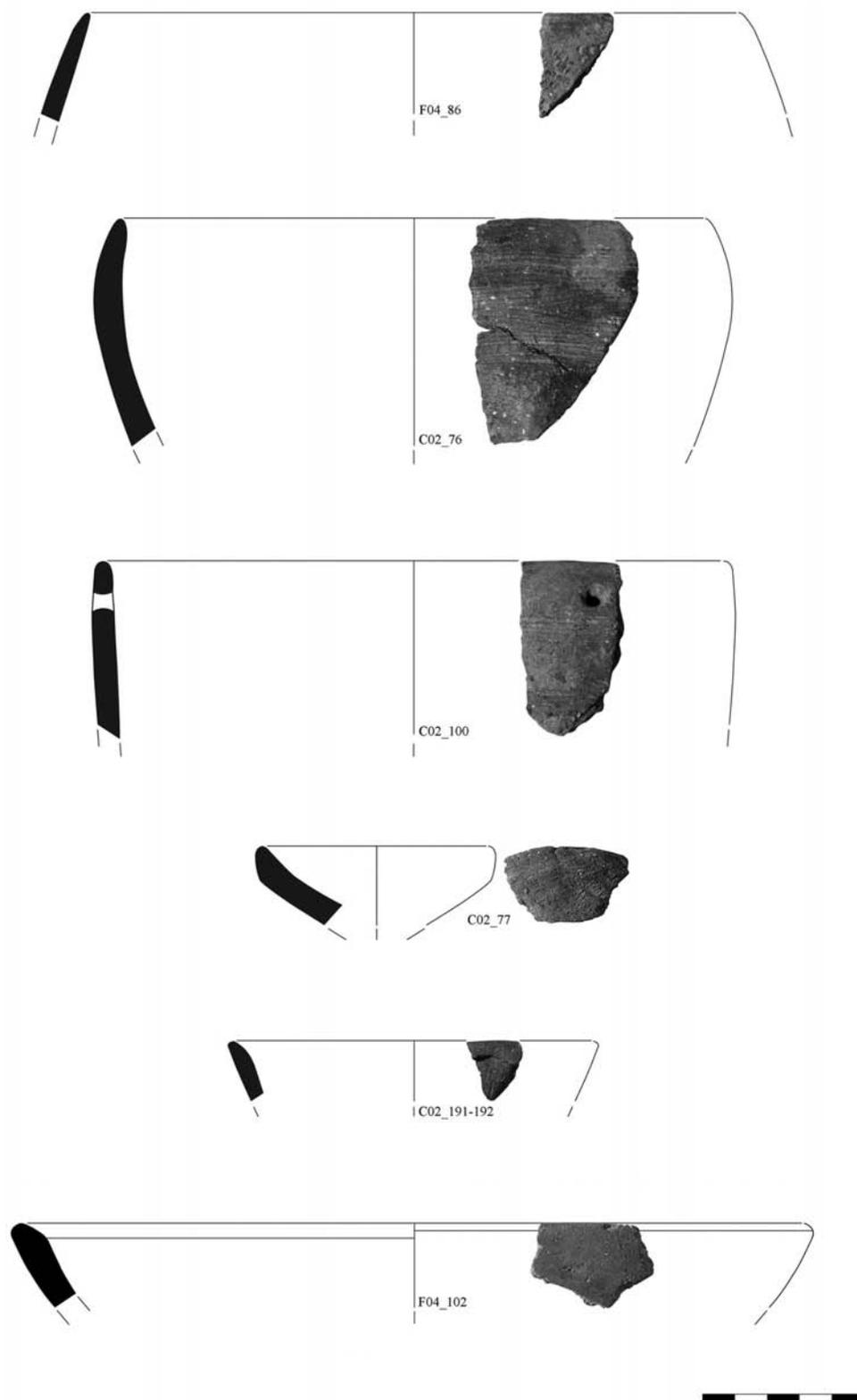


Fig. 8 Tipos morfológicos das cerâmicas de Castanheiro do Vento da camada 3b. Escala de 1:2 (desenhos e montagem de estampa de Â. Carneiro).

Decorações cerâmicas

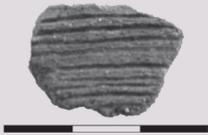
Esta cerâmica atinge a sua maior diversidade nas técnicas decorativas e nos padrões ornamentais, como se pode ver no Quadro 4. Na maioria dos casos, trata-se de técnicas e motivos representados apenas uma única vez.

Dentro das técnicas utilizadas (impressão a matriz, impressão a punção simples, impressão canelada, impressão espatulada brunida e incisão), verifica-se uma variedade muito grande de soluções de execução, resultando consequentemente numa diversidade de motivos.

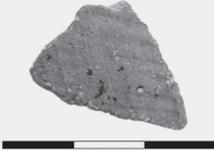
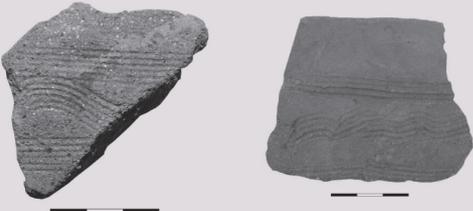
A decoração é no geral simples, com uma disposição tendencialmente horizontal. Na maioria das vezes, os motivos são formados pela repetição do mesmo elemento decorativo. As composições pouco frequentes, fundem, quando muito, dois motivos diferentes. Mas mesmo nestes casos, a ornamentação não perde as suas características principais: a simplicidade e a disposição horizontal.

As zonas decoradas preferenciais são a parte superior do bojo de vasos simples fechados, do tipo esféricos e bicónicos, de vasos com colo, e da parte superior de uma taça baixa com as paredes cónicas invertidas. Nos vasos sem colo, nota-se uma preferência pela decoração da zona superior do bojo junto ao bordo, enquanto nos vasos com colo nota-se uma primazia pela ornamentação da zona superior do bojo, imediatamente abaixo do colo. Assim, as zonas preferenciais da ornamentação correspondem às partes mais visíveis dos vasos, pelo que a decoração parece ter tido a intenção de valorizar estes objectos.

No Quadro 4, descreve-se e ilustra-se a decoração das cerâmicas em foco neste artigo.

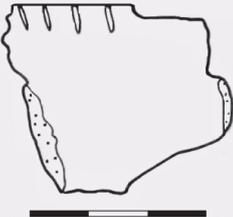
Quadro 4. Ocorrência dos motivos decorativos dos fragmentos/vasos cerâmicos de Castanheiro do Vento.			
Número de inventário e camada	Técnica	Descrição do motivo	Ilustração
B/01_1090, C3b	Impressão a matriz	Motivo de linhas horizontais e paralelas, semelhante ao penteado linear, feito com a pasta menos seca e com pente de dentes mais largos e espaçados.	
B/01_1191, C3b	Impressão a matriz	Motivo de linhas horizontais e paralelas, semelhante ao penteado linear, com impressão mais vincada.	
C02_prov. 48, C3b (cota 725,51, quase à mesma cota que C02_prov. 3 e C02_prov. 34) J05/1542, C3 (sem ilustração)	Impressão a matriz	Motivo de linhas horizontais e paralelas, semelhante ao penteado linear, com impressão mais vincada, quase incisa.	

<i>Número de inventário e camada</i>	<i>Técnica</i>	<i>Descrição do motivo</i>	<i>Ilustração</i>
C02_prov. 76, C3b (cota 725,58, um pouco acima de C02_prov. 3 e C02_prov. 34, com cotas de 725,48 e 725,50)	Impressão a matriz	Motivo de linhas horizontais e paralelas entre si, o designado “penteado linear”, algo irregular por sobreposição da matriz no curso da execução decorativa.	 
C02_prov. 100, C3b (cota 725,50, à mesma altura de C02_prov. 34)	Impressão a matriz	Motivo de duas faixas de linhas horizontais e paralelas entre si, o designado “penteado linear”.	 
B/01_1525, C3b	Impressão a matriz	Motivo de linhas horizontais e paralelas, de um penteado linear muito tosco.	 
B/01_1116, C3b (sem ilustração) B/01_1249, C3b B/01_1542, C3b	Impressão a matriz	Motivo de linhas horizontais, paralelas e interrompidas, semelhante ao penteado linear.	   
B/01_1206, C3b	Impressão a matriz	Motivo de faixa de linhas horizontais, paralelas, seguido de faixa de linhas diagonais, paralelas, semelhante ao penteado, mas de execução mais irregular.	 
B/01_1543, C3b	Impressão a matriz	Motivo de faixas de linhas horizontais, paralelas entre si, intercaladas com zonas lisas.	Ver Fig. 7

<i>Número de inventário e camada</i>	<i>Técnica</i>	<i>Descrição do motivo</i>	<i>Ilustração</i>
B/01_1536, C3b	Impressão a matriz	Motivo de linhas diagonais sobrepostas, formando umxadrezado de malha algo irregular.	
B/01_1506, C3b B/01_1508, C3b	Impressão a matriz	Motivo de bandas de linhas horizontais, paralelas entre si, intercaladas por banda de linhas onduladas, dispostas na horizontal (a associação do designado “penteado linear” e “penteado ondulado”).	
B/00_1366, C3b	Impressão a matriz	Motivo de faixa horizontal de penteado arrastado executado cuidadosamente.	
A/99_923, C2	Impressão a matriz	Motivo de fiadas horizontais de semi-elipses alongadas, duplas, repetidas descontinuamente, e possivelmente feitas com a ponta de um pente de dois dentes ligeiramente inclinado ou com outro instrumento de extremidade dupla.	
A/99P_prov. 5, C3 J/05_prov. 622, C3	Impressão a matriz	Motivo de fiadas horizontais de triângulos com o vértice voltado para cima ou para baixo.	
C/02_prov. 34, C3b F/04_prov. 83, C3	Impressão a matriz	Motivo de fiadas horizontais e paralelas de impressões sucessivas semelhantes às do pontilhado campaniforme, embora maiores e mais grosseiras.	

<i>Número de inventário e camada</i>	<i>Técnica</i>	<i>Descrição do motivo</i>	<i>Ilustração</i>
F/04_prov. 128, C3b	Impressão a matriz e incisão	Motivo de fiadas horizontais e paralelas de impressões sucessivas semelhantes às do pontilhado campaniforme, embora maiores e mais grosseiras, limitadas por uma banda incisa de linhas quebradas.	 
J/05_prov. 1378, C3	Impressão a matriz	Motivo de impressão penteada, linear, de disposição vertical, ladeada em cima e à esquerda por impressões semelhantes às do pontilhado campaniforme, embora maiores e mais grosseiras, e feitas com as extremidades dos dentes de um pente premido na vertical.	 
6/05_prov. 34, C3	Impressão a matriz	Motivo de faixas largas e paralelas, de disposição horizontal, constituído por impressões arrastadas, feitas com espátula ou instrumento semelhante.	 
F/04_14, C3b 9/05_175, C3	Impressão a matriz	Motivo de duas faixas intercaladas com zona lisa. As fiadas, de disposição horizontal e paralelas entre si, são constituídas por uma sucessão de pequenos triângulos com o vértice orientado para o lado direito.	   
C/02_3, C3b	Impressão a punção simples arrastado	Motivo de linhas horizontais e paralelas, de disposição algo irregular, executadas à maneira da técnica de “boquique”.	 
6/05_prov. 35, C3	Impressão a punção simples arrastado	Motivo de linhas verticais, ligeiramente radiais, feitas com punção de extremidade estriada, interrompidas espaçadamente por pequenos pontos impressos, lembrando vagamente a técnica de “punto y raya”.	 

<i>Número de inventário e camada</i>	<i>Técnica</i>	<i>Descrição do motivo</i>	<i>Ilustração</i>
F/04_prov. 66, C3	Impressão a punção simples	Motivo de três fiadas horizontais de semicírculos simples e contínuos.	 
B/00_42, C3 B/01_1189, C3b B/01_1395, C3b (sem ilustração)	Impressão a punção simples	Motivo de fiadas horizontais de semi-elipses simples, repetidas descontinuamente.	   
D/02_222, C3 A/99_2022, C3 (ilustração em A. Vale, 2003, Est. 14)	Impressão a punção simples	Motivo de fiadas horizontais de semicírculos duplos, repetidos descontinuamente, em que o semicírculo superior é mais pequeno que o inferior.	 
J/05_prov. 623, 1137 e 1347, C3	Impressão a punção simples	Motivo de fiadas horizontais de semi-elipses duplas, repetidas continuamente.	 
F/04_prov. 86, C3	Impressão a punção simples	Motivo de fiadas horizontais de semicírculos diagonais, degenerando por vezes em impressões em relevo, ao levantar o punção de repente impulsionando-o para o lado.	 
D/02_95, C3	Impressão a punção simples	Motivo de fiadas horizontais e paralelas de impressões ovaladas.	 

<i>Número de inventário e camada</i>	<i>Técnica</i>	<i>Descrição do motivo</i>	<i>Ilustração</i>
B/01_1502, C3b	Impressão a punção simples	Motivo de fiada horizontal de impressões formando à esquerda uma espécie de entalhe triangular a rematar o contorno de meia elipse à direita.	
E/04_729, C4	Impressão a punção simples	Motivo de fiada horizontal de impressões de triângulos irregulares, formados à esquerda por pressão da pasta fresca e à direita levantamento do punção.	
Qd. 110/57/98_263, C3b	Impressão a punção simples	Motivo de fiada horizontal preenchida por puncionamentos verticais longo-ovais.	
B/01_1534, C3b	Impressão a punção simples	Motivo de duas fiadas horizontais e paralelas de puncionamentos diagonais longo-ovais.	
E/04_748, C4	Impressão a punção simples	Motivo composto por três fiadas horizontais de impressões circulares de cerca de 3 mm de diâmetro.	
B/01_1152, C3b	Impressão de espatulado brunido e incisão	Motivo de linhas horizontais e paralelas, constituído por três impressões espatuladas e brunidas, seguidas de uma faixa de incisões diagonais.	Sem ilustração

<i>Número de inventário e camada</i>	<i>Técnica</i>	<i>Descrição do motivo</i>	<i>Ilustração</i>
B/01_1486, C3b	Impressão canelada	Motivo de linhas diagonais sobrepostas, formando um axadrezado irregular.	
B/00_2206, C3b (sem ilustração) J/05_1323, C3	Impressão canelada	Motivo de linhas horizontais, paralelas, com espaçamentos irregulares entre si.	
B/01_1388, C3b F/04_103, C3b (sem ilustração)	Impressão canelada e punção simples	Motivo de caneluras horizontais e paralelas entre si, de contorno irregular e textura áspera (como se tivesse sido retirada a parte superior da superfície cerâmica por raspagem) e preenchidas por uma sucessão de pequenas impressões redondas praticamente imperceptíveis.	
B/01_1495, C3b B/00_1439, C3b B/00_2200, C3b F/04_122, C3b C/02_70, C3b (todos sem ilustração)	Incisão	Motivo de linhas horizontais, paralelas e com espaçamentos mais ou menos regulares entre si.	
J/05_prov. 923, C3	Incisão	Motivo de linhas horizontais, paralelas e com espaçamentos muito irregulares entre si.	
F/04_136, C3c	Incisão	Motivo de linhas verticais.	Sem ilustração

<i>Número de inventário e camada</i>	<i>Técnica</i>	<i>Descrição do motivo</i>	<i>Ilustração</i>
B/01_1378, C3b	Incisão	Motivo de duas faixas de linhas verticais desencontradas entre si, separadas por uma linha horizontal que em parte as corta na perpendicular.	
B/01_1118, C3b B/01_1541, c3b (sem ilustração) D/02_348, C3 (sem ilustração) J/05_prov. 528, C3 (sem ilustração)	Incisão	Motivo de linhas quebradas, possivelmente dispostas na vertical (espiga).	
B/01_1309, C3b	Incisão	Motivo de linhas quebradas de disposição horizontal.	
B/01_1473, C3b	Incisão	Motivo composto por um triângulo (incompleto), preenchido por linhas verticais.	
C/02_191-192, C3	Incisão	Motivo de duas fiadas horizontais e paralelas de pequenos entalhes de disposição diagonal, feitos com a ponta aguçada de um punção.	
B/01_1283, 1520, 1532, C3b B/01_1163, C3b (sem ilustração)	Incisão	Impressões de forma unglulada, feitas com a ponta aguçada de um punção.	

Resumo da descrição da cerâmica

Resumindo, na caracterização desta cerâmica, destacam-se pastas grosseiras, mas consistentes, em geral de textura arenosa e com grandes e abundantes partículas de mica, o aspecto “espatulado” das suas superfícies, além de uma variedade enorme de técnicas e motivos decorativos, em que prevalecem as impressas, tanto as executadas a matriz, como a punção simples. As formas cerâmicas são em geral de morfologia simples, esférica e bicónica (fechadas) ou hemisférica (abertas), registando-se também vasos com colo. Estes últimos tendem por vezes a ter o perfil na zona de transição do colo para o bojo mais acentuado. Os vasos de pequenas e médias dimensões são mais frequentes.

Discussão

Nos Quadros 1 e 4, descrevem-se os atributos da cerâmica que se distinguem dos da cerâmica penteada. Essa cerâmica aparece em maior percentagem na camada 3b, que por agora se restringe a uma pequena área do sítio. Daí que o seu número seja proporcionalmente limitado. Contudo, o facto de a camada 3b integrar actualmente 65% do total dessa cerâmica (77 fragmentos de 68 vasos) indica uma maior relação desta com a camada 3b. Da mesma forma que a diferença de ocorrência da cerâmica que se distingue da cerâmica penteada, quantificada em conjunto com a cerâmica penteada, é na camada 3b de 18%, face a 2% na camada 3. Assim, embora as cerâmicas penteadas estejam presentes na camada 3b com um total de 82% do total dessas cerâmicas, elas têm maior expressão na camada 3, com 98% do total dessas cerâmicas. As diferenças de ocorrência entre os dois tipos cerâmicos por ambas as camadas são significativas e indicadoras de uma alteração gradual dos géneros cerâmicos.

Em termos de distribuição dos dois tipos cerâmicos pelas camadas 3b e 3, nota-se não haver uma separação total dos materiais. Isso deve-se a factores diversos, sendo de salientar os seguintes aspectos:

- a cerâmica penteada é dominante no sítio de Castanheiro do Vento, como de resto na região do Alto Douro e, por conseguinte, é a cerâmica mais frequente em todas as camadas (Carneiro, 2009, no prelo);
- o período de tempo decorrido entre a deposição de materiais nas camadas 3b e 3 deveria ter sido demasiado curto para poder ser medido com os actuais métodos arqueológicos e radio-métricos.

Assim, apesar de estes e outros factores condicionarem o isolamento espacial dos materiais de cada camada, há uma maior concentração das cerâmicas descritas acima na camada 3b, face a outros estratos do sítio. Para além disso, outras evidências de carácter qualitativo completam a caracterização da cerâmica mais bem representada na camada 3b. Parte da cerâmica penteada da camada 3b apresenta com frequência atributos distintos da cerâmica penteada. Em geral, ocorrem estes atributos cerâmicos em conjunto, com excepção da variedade do motivo decorativo:

- A decoração é tendencialmente mais grosseira, por ter sido executada com pentes de dentes mais espaçados entre si. A impressão da decoração também é mais vincada, por vezes difícil de distinguir da técnica incisa (por ter sido elaborada com a pasta muito húmida), e foi elaborada com menos cuidado (A/99_566; B/01_1337; C/02_prov. 48; C/02_prov. 76; C/02_prov. 100 e J/05_1542);

- As pastas destes vasos são por vezes mais grosseiras, arenosas e com abundantes inclusões de palhetas micáceas. Estas propriedades ocorrem com muito maior frequência em cerâmicas da camada 3b do que em cerâmicas da camada 3;
- A composição formada por faixas horizontais paralelas de motivos “penteados lineares” e “penteados ondulados” em alternância não passa despercebida (B/01_1506; B/01_1508), ocorrendo fora da camada 3b uma única vez na camada 3 (D/02_80), aliás com outro tipo de pasta e execução decorativa.

Ainda um outro aspecto a abordar aqui prende-se com a movimentação de materiais entre camadas. Da parte basal da estrutura semicircular E, foram exumados na camada 4 os fragmentos E/04_729 e E/04_748. Estas cerâmicas, para além de terem os atributos da camada 3b, foram encontradas a uma cota muito mais baixa (724,10 m) do que as da camada 3 (724,17-25 m) nesta área do sítio. A camada 4 constitui uma camada de nivelamento, por enquanto sobretudo detectada na base das estruturas semicirculares (Cardoso, 2008, pp. 484–491). Relativamente à estrutura semicircular E, a camada 4 foi localizada abaixo da camada 3, sem a presença da camada 3b. Do mesmo modo, cerâmicas com características da cerâmica da camada 3b encontradas na camada 3 e raramente na camada 2 das estruturas A, D, E, J, 6 e 9 deixam muito possivelmente prognosticar a proximidade da camada 3b nessas zonas do sítio de Castanheiro do Vento e uma certa movimentação dos materiais da camada 3b para as camadas superiores. A mesma disseminação de materiais terá ocorrido entre as camadas 3b e 3 das estruturas semicirculares B, C e F. O maior desgaste das arestas dos fragmentos das camadas 3 e 2 face à cerâmica da camada 3b (ver cap. sobre o estado de fragmentação e de erosão das cerâmicas) também sugere a dispersão desta cerâmica de contextos da camada 3b para as superiores.

Por fim, importa assinalar uma certa concentração deste género de materiais na área nordeste do sítio, em torno das estruturas A a D, na área sudeste do sítio, na zona sul do recinto secundário, junto às estruturas E e F, e na zona sudeste do recinto principal limitada pelo primeiro e segundo anel ocupadas pelas estruturas J, 6, e 9, em parte em áreas onde se escavou mais profundamente. Assim é de esperar que a continuação da escavação em profundidade de estas e outras áreas de Castanheiro do Vento permita localizar outras zonas da camada 3b e tornar os seus contextos mais bem definidos.

Inserção cultural a nível do Norte e Centro interior de Portugal

A cerâmica descrita acima não tem uma correspondência total com a cerâmica de outros sítios do Norte e Centro interior de Portugal, sendo por isso em geral comparável com a cerâmica da primeira ocupação de Vinha da Soutinha (mais evidente nas camadas 4 e 5 do sector C do que na camada 4 do sector A e no nível intermédio do sector B), em Trás-os-Montes ocidental e oriental (Jorge, 1986, pp. 93–99, figs. 4–6, 184–187, fig. 21 e pp. 226–231, figs. 2–8); com a cerâmica de Barrocal Alto, Cunho (Sanches, 1992, pp. 86–137) e Buraco da Pala II (Sanches, 1997, pp. 108–113, ests. 36–50); com a cerâmica de Barrocal Tenreiro e Quinta da Torrinha II, no Baixo Côa (Carvalho, 2003, pp. 243–261) e com a cerâmica da segunda ocupação de Castro de Santiago, assim como da primeira ocupação de Malhadas, na Beira norte interior (Valera, 2008, pp. 90–91, 115–122, 143–149, 184–194, 197–203, 206–210).

Assim, esta comparação deve ser entendida ao nível das decorações e da morfologia cerâmica representada entre a cerâmica da camada 3b de Castanheiro do Vento e tratada neste artigo, e não sobre a totalidade e sobretudo distribuição quantitativa das cerâmicas dos contextos dos sítios referidos no

parágrafo anterior. A ausência de correspondência absoluta entre o espólio cerâmico destes sítios poderá ser devida à dinâmica interna de cada sítio e de cada micro-região, não se podendo excluir um certo desfasamento temporal entre os diferentes sítios, além de outros aspectos. Por um lado, a distribuição quantitativa da morfologia cerâmica varia de sítio para sítio, e essa variação tem também muito que ver com o grau de preservação dos recipientes e não apenas com a dinâmica interna dos sítios e das micro-regiões, embora as formas sejam essencialmente as mesmas: esféricos, globulares, globulares com bordo sinuoso e também vasos tipo saco, calotes, taças hemisféricas e vasos com colo baixo e extrovertido, cilíndrico ou introvertido, corpo esférico, por vezes com perfil acentuado. Por outro lado, as diferenças quantitativas entre as técnicas e motivos decorativos da cerâmica dos sítios referidos denotam antes de tudo preferências por um determinado tipo de decoração nuns sítios e numas micro-regiões faces às restantes, facto que também estará relacionado com a forma como as populações do III milénio a.C. construíram a sua identidade. Assim, em sítios de Trás-os-Montes ocidental e oriental, ocorrem com frequência motivos compostos por triângulos incisos preenchidos por impressões punccionadas. Em sítios de Trás-os-Montes oriental e na região do Baixo Côa, são frequentes motivos impressos a punção ou a matriz em fiadas horizontais simples ou compostas, mas também motivos com triângulos incisos preenchidos por impressões punccionadas. Os motivos de triângulos incisos preenchidos por impressões são característicos da Meseta Norte e parece terem tido uma ampla expansão por Trás-os-Montes e Baixo Côa, mas menos pela região do Alto Douro. Os motivos impressos a punção ou a matriz em fiadas horizontais simples ou compostas, acompanhados de motivos penteados toscos, dominam na região do Alto Douro, em sítios da margem norte e sul do rio. Ao contrário, os motivos incisos de linhas quebradas verticais (em espiga) abundam na Beira norte interior.

Alguns destes sítios são datados em termos absolutos do primeiro até ao segundo quartel do III milénio a.C. (Quadro 5), com valores que também se encontram entre as datações de radiocarbono de Castanheiro do Vento (Quadro 6). Todavia, em Castanheiro do Vento ainda não há uma distinção clara das sequências estratigráficas em conjugação com a cronologia absoluta. Porém, quando as datas de Buraco da Pala II, Barrocal Tenreiro, Vale da Cerva e da primeira ocupação de Malhadas são confrontadas com as de Buraco da Pala I e da camada 3 de Castelo Velho (Quadro 7), ocupações comparáveis com a da camada 3 de Castanheiro do Vento, nota-se não haver uma diferença significativa entre elas, recaindo *grosso modo* entre 2900 e 2500 a.C. Serão estes dados cronológicos suficientes para falar da sua coetaneidade? Eu creio que não, uma vez que a distribuição quantitativa da cerâmica das camadas 3b e 3 de Castanheiro do Vento indica elementos de divergência. O estado das investigações desta problemática a nível do Norte e Centro interior de Portugal permite, pelo menos a nível da estratigrafia relativa e da distribuição quantitativa da cerâmica, entrever uma certa anterioridade deste tipo cerâmico face à cerâmica penteada e associadas, anterioridade que, a nível da cronologia absoluta fina, não pode ser nem confirmada nem refutada. Esta situação deve-se a diversos factores, específicos de cada sítio, tais como a pequena área escavada na maioria dos sítios, a dificuldade de análise conjunta da estratigrafia relativa em sítios de longa utilização, mas também ao pequeno número de datas absolutas, que apresentam intervalos muito grandes, quando se quer analisar um período de cerca de meio século.

O problema agora levantado com a apresentação das cerâmicas de Castanheiro do Vento constitui um tema de investigação pertinente para o Norte e Centro interior de Portugal. Aqui pretende-se incentivar a escavação em profundidade em sítios como Castanheiro do Vento. Este sítio revelou desde o início da sua escavação possibilidades de dar a conhecer melhor este e outros aspectos das vivências humanas do III milénio a.C. Todavia, esta questão poderá ser mais bem esclarecida, quando a investigação for realizada no sentido de recolher e analisar dados com objectivos específicos, a partir dos trabalhos de campo, não descurando o registo das diversas novas situações que vão surgindo no decurso dos trabalhos de escavação.

Quadro 5. Datas absolutas de sítios coetâneos de Castanheiro do Vento no Norte e Centro interior de Portugal I.

<i>Número de Laboratório</i>	<i>Valores da data em BP</i>	<i>Data calibrada BC 2 σ</i>	<i>Estrutura</i>	<i>Local de recolha da amostra</i>
ICEN-308	4400±50	3295–2926	Lareira 4	Buraco da Pala, nível II
CSIC-867	4170±55	2895–2602	Lareira 9	Buraco da Pala, nível II
CEN-594	4120±70	2881–2512	Lareira 6	Buraco da Pala, nível II
GrN-19102	4130±40	2871–2595	Silo 1	Buraco da Pala, nível II
CSIC-826	4090±45	2862–2515	Lareira 11	Buraco da Pala, nível II
CEN-419	4020±45	2848–2471	Silo 1	Buraco da Pala, nível II
CSIC-825	4000±60	2848–2371	Lareira 7	Buraco da Pala, nível II
GrN-19103	4025±25	2830–2498	Lareira 4	Buraco da Pala, nível II
Sac-1454	4030±80	2871–2325	Sector B, US 7	Malhadas, 1. ^a ocupação
GrN-8402	4140±40	2865–2601	Sepultura	Vale da Cerva
Beta 137942	4010±40	2827–2461	Lareira	Barrocal Tenreiro

Datas retiradas de Sanches, 1997, vol. 1, p. 108; Cruz, 1998, p. 152; Carvalho, 2003, p. 267; Valera, 2007, pp. 162, 163.

Quadro 6. Datas absolutas de Castanheiro do Vento do III milénio a.C.

<i>Número de Laboratório</i>	<i>Valores da data em BP</i>	<i>Data calibrada BC 2 σ</i>	<i>Estrutura</i>	<i>Local de recolha da amostra</i>
Ua-22458	4020±80	2900–2300	BD	Interior da estrutura
Ua-22460	4095±50	2880–2490	BD	Interior da estrutura
Ua-20455	4145±45	2877–2582	BC	Debaixo da linha basal da estrutura C
Ua-22462	4050±50	2860–2460	BD	4. ^o nível de decapagem de escavação
Ua-22457	4045±50	2860–2460	BD	Interior da estrutura
Ua-18695	3990±65	2855–2292	BB	Debaixo da linha basal da estrutura B
Ua-18697	4005±60	2856–2336	BA	Micro estrutura 2
Ua-22459	4010±50	2840–2340	BD	Interior da estrutura
Ua-20454	4035±40	2838–2462	BC	Debaixo da linha basal da estrutura C
Ua-18041	4065±70	2787–2495	BB	Debaixo da linha basal da estrutura B
Ua-18696	3975±60	2624–2289	BB	Debaixo da linha basal da estrutura B
Ua-20452	4010±40	2623–2457	BC	Debaixo da linha basal da estrutura C, área de sedimentos escuros com fauna
Ua-20451	3980±40	2618–2348	BC	Debaixo da linha basal da estrutura C
Ua-18703	3935±60	2577–2206	BB	Debaixo da linha basal da estrutura B
Ua-18702	3880±60	2492–2036	BB	Na linha basal da estrutura B
Ua-32080	3895±40	2480–2200	Ec3	Interior da estrutura, em área de barro queimado
Ua-23429	3850±40	2460–2200	BE	Nível de sedimentos cinzentos
Ua-18040	3790±60	2457–2035	BA	Interior da estrutura
Ua-18701	3790±60	2457–2015	BC	Interior da estrutura
Ua-18042	3810±75	2446–2036	BB	Interior da estrutura
Ua-23428	3740±40	2290–2020	BF	Interior da estrutura
Ua-32087	3630±45	2140–1880	Ec6	Interior da estrutura circular geminada 6

Datas retiradas de Cardoso, 2008, pp. 494–495.

Quadro 7. Datas absolutas de sítios coetâneos de Castanheiro do Vento no Norte e Centro interior de Portugal II⁴.

<i>Número de Laboratório</i>	<i>Valores da data em BP</i>	<i>Data calibrada BC 2 σ</i>	<i>Estrutura</i>	<i>Local de recolha da amostra</i>
ICEN-310	4120±80	2887–2503	Silo 9	Buraco da Pala, nível I
ICEN-311	4120±50	2871–2532	Silo 9	Buraco da Pala, nível I
GrN-19101	3955±25	2563–2456	Silo 11	Buraco da Pala, nível I
Sac-1518	4130±80	2885–2493	–	Castelo Velho, camada 3
ICEN-785	4110±60	2877–2495	–	Castelo Velho, camada 3
CSIC-1706	4073±45	2861–2473	–	Castelo Velho, camada 3
Ua-17647	3945±75	2829–2201	–	Castelo Velho, camada 3
Ua-17648	3850±75	2551–2043	–	Castelo Velho, camada 3
CSIC-1655	3917±34	2471–2293	–	Castelo Velho, camada 3
CSIC-1333	3650±28	2135–1925	–	Castelo Velho, camada 3

Datas retiradas de Sanches, 1997, vol. 1, p. 108; Jorge & Rubinos, 2002, pp. 86–88.

Conclusão

A abordagem de cerâmicas com características específicas e diferentes da cerâmica penteada de Castanheiro do Vento tem como objectivo dar a conhecer a sua situação neste sítio, como também definir o estado geral das investigações acerca da temática que as envolve, a nível do Norte e Centro interior de Portugal.

Na sua caracterização, destacam-se as pastas grosseiras, de matriz arenosa e com grandes e abundantes partículas de mica, o aspecto “espatulado” das suas superfícies pouco elaboradas e a simplicidade das suas formas, na base de vasos esféricos, bicónicos, vasos com colo e taças, tendencialmente de pequenas dimensões. A grande variedade de técnicas e motivos decorativos, em que prevalecem técnicas impressas várias (executadas a matriz ou a punção simples) e incisas, originou composições diversas, embora simples, constituídas por faixas horizontais que ornaram a parte superior dos vasos. Do uso de uma grande variedade de instrumentos decorativos resultou uma diversidade de motivos e, por conseguinte, uma heterogeneidade decorativa, que todavia se pauta pela simplicidade e horizontalidade, repetindo na maioria das vezes, de várias maneiras, a mesma temática decorativa.

A grande diferença das cerâmicas penteadas face a estas reside no espectro menos grosseiro das suas pastas, com superfícies muito mais bem reguladas, na maior quantidade de formas de grande dimensão e nas técnicas decorativas. Mesmo as cerâmicas impressas a pente da camada 3b descritas acima diferenciam-se das cerâmicas penteadas em geral. São cerâmicas de textura mais grosseira, cuja matriz a pente apresenta os dentes mais espaçados entre si e a execução decorativa é menos regular, resultando num aspecto global mais tosco do que as cerâmicas penteadas em geral.

A nível estratigráfico e da distribuição material, importa referir que, por um lado, há uma separação estratigráfica entre as camadas 3b e 3, também a nível da arquitectura monumental, uma vez que a camada 3 parece terminar na base de algumas estruturas semicirculares. Por outro lado, as cerâmicas tratadas neste artigo concentram-se na camada 3b de Castanheiro do Vento e ocorrem de uma forma dispersa na camada 3. As zonas da camada 3 onde foi exumada esta cerâmica localizam-se numa área onde a camada 3b foi detectada pontualmente. Estes factores sugerem uma movi-

mentação desta cerâmica da camada 3b para a 3, possivelmente resultante de actividades de limpeza e reutilização dos mesmos espaços ao longo do III milénio a.C., assim como de manipulações posteriores. Esta hipótese poderá reavaliar-se, quando a área de contacto entre as camadas 3b e 3 for mais bem conhecida.

Para já, coloca-se outra questão. Se a base da camada 3 parece marcar a base das estruturas semicirculares, e a camada 3b, com indicadores de outras materialidades e actividades, lhe está subjacente, isto significa que a construção monumental de Castanheiro do Vento ocorreu num lugar anteriormente humanizado, num sítio que tinha adquirido importância no seio das comunidades do III milénio a.C. Resta saber se a nível da camada 3b ainda existirão construções e de que género estas terão sido. Este factor, analisado em conjunto com os materiais, poderá indicar se a construção monumental de Castanheiro do Vento e a utilização massiva de cerâmica penteada marcaram uma mudança nas relações das comunidades humanas que habitaram este lugar no sentido ingoldiano do termo (Ingold, 1986, 2000) com o meio e/ou entre si, ou se, por outro lado, reflecte apenas a continuação dessa relação a um outro nível.

Este género de cerâmicas ocorre com outras associações em diversos sítios do Norte e Centro interior de Portugal. Também aqui as questões da cronologia fina se mantêm, ainda que esses sítios não tivessem sido analisados com o mesmo detalhe que Castanheiro do Vento. Todavia, importa notar que a divergência da combinação de cerâmicas decoradas com técnicas e motivos diversos parece ser indiciadora não apenas das relações sociais inter-regionais, como das formas de construção de identidade das populações que habitavam o Norte e Centro interior de Portugal na primeira metade do terceiro milénio a.C.

NOTAS

- ¹ Quando o colo dos vasos não é descrito com maior detalhe, quanto a forma e altura, significa que este não está preservado e trata-se em geral do arranque de colo, junto à parte superior do bojo dos vasos.
- ² Taças hemisféricas de bordo interno espessado são características do Sul de Portugal (Silva & Soares, 1976–1977). Porém, distintas das ocasionalmente presentes em contextos da primeira metade do terceiro milénio a.C. no Norte e Centro interior de Portugal, tais como: Castro de Santiago e Malhadas, em Fornos de Algodres (Valera, 2007, p. 122, est. 3.4.9 e p. 185, est. 4.21.4) ou Mamoa de Santo Ambrósio, em Macedo de Cavaleiros (Carvalho, 2003, pp. 5 e 13, foto 11).
- ³ Este vaso tem a particularidade de ter paredes muito espessas, face ao seu pequeno tamanho, ser leve e apresentar uma alteração

da pasta (cor cinzenta clara e vitrificação de algumas partículas), devido a uma exposição prolongada a temperaturas elevadas acima dos 650°. Contudo, pela ausência de restos de metal no seu interior e por falta de um contexto adequado, não se pode relacioná-lo com a metalurgia do cobre. Fragmentos de paredes muito espessas e relacionados com a metalurgia inicial do cobre são conhecidos em contextos de sítios coevos do norte e centro interior de Portugal, nomeadamente em Barrocal Alto (Sanches, 1993, est. 73.6) e Castro de Santiago (Valera, 2007, p. 128, est. 3.10.2 e 3).

- ⁴ Datas de Vila Pouca de Aguiar, Quinta da Assentada, ICEN-933 de Buraco da Pala I e restantes da camada 3 de Castelo Velho não foram ser consideradas neste trabalho, por apresentarem intervalos muito elevados, o que as torna inadequadas numa análise temporal de um curto espaço de tempo.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, João Muralha (2008) - *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): um recinto monumental do III e II milénio a.C.: problemática do Sítio e das suas estruturas à escala regional*. Dissertação de doutoramento não publicada. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- CARNEIRO, Ângela (no prelo) - As cerâmicas do terceiro e segundo milénios a.C. de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa). In *V Congresso de Arqueologia do Interior Norte e Centro de Portugal (Pimbel, 13 a 16 de Maio 2009)*. Vila Nova de Foz Côa.
- CARVALHO, António Faustino (2003) - O final do Neolítico e o Calcolítico no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 1996–2000). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, pp. 229–273.

- CARVALHO, Hélder Alexandre (2003) - Mamoa de Santo Ambrósio, Vale da Porca, Macedo de Cavaleiros, Bragança: resultados preliminares da primeira campanha em 2003 < http://www.terrasquentes.com.pt/Content%5CPublicacoes%5CCaderno2%5CMamoa_Artigo_Anexo_Gr%C3%A1fico.pdf > (15.11.2009).
- CRUZ, Domingos J. (1998) - Expressões funerárias e cultuais no Norte da Beira Alta (V-II milénios a.C.): a Pré-História na Beira Interior. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 6, pp. 149-166.
- INGOLD, Tim (1986) - *The appropriation of nature: essays on human ecology and social relations*. Manchester: Manchester University Press.
- INGOLD, Tim (2000) - *The perception of the environment: essays in livelihood, dwelling and skill*. London; New York, NY: Routledge.
- JORGE, Susana Oliveira (1986) - *Povoados da Pré-História Recente da região de Chaves e Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*. Porto: Universidade.
- JORGE, Susana Oliveira (1994) - Colónias, fortificações, lugares monumentalizados: trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular. *Revista da Faculdade de Letras*. Porto. II Série. 9, pp. 447-546.
- JORGE, Susana Oliveira (2002) - Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórico do Norte de Portugal. *Património. Estudos*. Lisboa. 3, pp. 145-164.
- JORGE, Susana Oliveira; RUBINOS, Antonio (2002) - Absolute chronology of Castelo Velho de Freixo de Numão (Northern Portugal): data and problems. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 4, pp. 83-105.
- JORGE, Vítor Oliveira; CARDOSO, João Muralha; PEREIRA, Leonor; VALE, Ana; COIXÃO, António Sá (2006) - Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): Breve relatório da campanha de escavação de 2005. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 8, pp. 185-204.
- QUEIRÓS, Adélia (2007) - Contributos para o estudo da estrutura subcircular n.º 3 do sítio de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa). *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 9, pp. 237-250.
- SANCHES, Maria de Jesus (1992) - *Pré-História Recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto.
- SANCHES, Maria de Jesus (1997) - *Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro: o abrigo do Buraco da Pala no contexto regional*. Porto: Sociedade Portuguesa de Arqueologia e Etnografia.
- SANCHES, Maria de Jesus, ed. (2008) - *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto), Murça, Portugal*. Murça: Câmara Municipal.
- SILVA, Carlos Tavares da, SOARES, Joaquina (1976-1977) - Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, pp. 179-272.
- VALE, Ana Margarida Aparício (2003) - *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): contributo para o estudo das primeiras campanhas de trabalho (1998-2000)*. Dissertação de mestrado não publicada. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- VALERA, António Carlos (2007) - *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3.º milénio a.C. (Fornos de Algodres, Guarda)*. Fornos de Algodres: Associação Terras de Algodres.